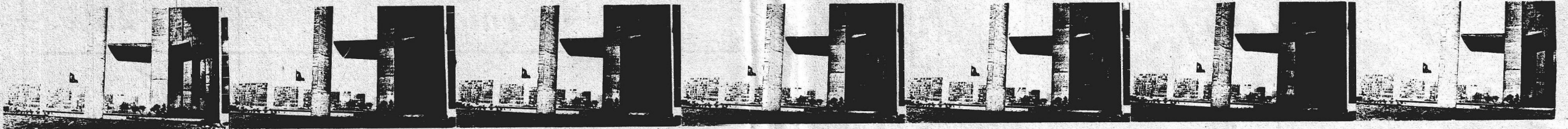


VIVE-SE EM BRASÍLIA?

OU APENAS ESTUDA-SE, TRABALHA-SE E NADA MAIS?



É a cidade que não presta ou são os descontentes que não a entendem?

Leocádio Guimarães

Nas cidades clássicas, que nasciam e cresciam por obra do acaso, era diferente. As coisas estavam em lugares certos e invariáveis. Podia-se dizer que, tal como as pessoas, cujos caracteres físicos e mentais vêm programados nos cromossomos, como se fosse a memória de um computador, as cidades eram geradas conforme os hábitos dos que a fundavam e que por sua vez traziam na mente a fórmula clássica. Havia os lugares para morar, para comerciar, para passear, o "bairro alegre" da prostituição, a Praça da Igreja, o teatrinho, a escola...

As cidades esquemáticas da Europa, dos Estados Unidos, da Ásia, da América espanhola, do Brasil — que segundo o compositor Ary Barroso, de língua mordaz e imagens incríveis podiam ser identificadas do alto por qualquer aviador perdido, por dois sinais fundamentais: "a igreja, com a casa do padre ao lado, e o campo de futebol, com a marca do pênalti — um pontinho bem assinalado por tantas e cuidadosas "catimbas" em todos os jogos..."

De qualquer forma, as cidades eram repetições simples constantes de conceitos imutáveis.

Então, vieram as chamadas "cidades voluntárias", ou seja, cidades criadas por uma decisão de fazê-las, num local que se escolhe independente da sua vocação como centro urbano, de interesses econômicos ou de defesa militar.

Cidades cívicas, isto é, capitais. Washington abriu uma série de que Brasília foi talvez a última, mas, entre todas as mais audaciosas, brilhante e extraordinária.

Nascida de uma decisão histórica — transportar a capital para o seu centro geográfico — Brasília é principalmente uma incrível ousadia criativa.

Além de fazê-la, decidiu-se fazer uma cidade arbitrária por conceitos de um gênio criador. Sem quaisquer preliminares ou preconceitos, sem exigências limitativas mesquinhas, mas, pelo contrário assegurando-se à apreciação de quaisquer vãos que se propusessem, publicou-se um edital: quem tem idéias para construir Brasília, a nova capital do Brasil?

Um júri insuspeito e de nível mundial — com três urbanistas de fama mundial, Sir Holford, inglês, e os professores Sivé (francês) e Papadaki (americano), presidido por Oscar Niemeyer e com representantes do Clube de Engenharia e do Instituto dos Arquitetos — selecionou quatro entre as 26 propostas. E por fim escolheu um: o de Lúcio Costa.

Curiosamente, era o mais revolucionário — em termos de forma — e o mais simples, em matéria de concepção. Seu mérito principal, porém, não é propriamente plástico nem funcional em termos urbanísticos, mas, pelos comentários que revelavam uma inusitada preocupação humanística: a cidade proposta por Lúcio Costa seria três coisas. Primeiro, monumental — no que expressaria o poder político: Em segundo lugar, seria administrativa, para cumprir sua função burocrática. E, finalmente, seria um lugar onde as pessoas — os membros do Governo, os parlamentares, a magistratura federal, os funcionários públicos em geral e o

pequeno mundo de pessoas ligado à infra-estrutura de serviços reclamados pela capital — viveriam, divertindo-se, educando os filhos, fazendo esportes, satisfazendo-se culturalmente.

Portanto seria uma cidade para funcionar — visando seus objetivos de capital federal — e onde se poderia viver.

Lúcio Costa pensava em viver não como uma forma de sobreviver, isto é, desfrutar da potencialidade da vida e não apenas suportar a existência de forma vegetativa, vexatória, contida ou disciplinada.

Viver não é apenas existir-se, mas, realizar-se como pessoa humana, em todos os planos: do biológico ao sensitivo, do familiar ao civil.

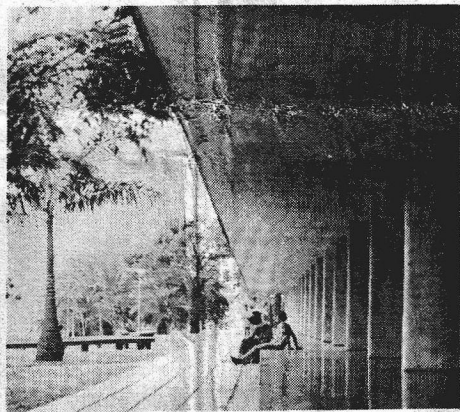
Aconteceu, no entanto, um problema grave. E isto.

Por acaso os habitantes da cidade-nova, revolucionária e inovadora, seriam também cidadãos-novos, revolucionários e inovadores?

Ou, pelo menos, estariam dispostos a criar a nova civilização urbana proposta pelos espaços, formas e arrumação do Plano Lúcio Costa?

Pode-se responder, em princípio, que não.

Tal como os peregrinos do "Mayflower", que fundaram nas costas da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, uma sociedade reacionária e puritana, num continente puro pela própria natureza, quer pela sua pequena população indígena cheia de ingenuidade, quer pelos imensos territórios incultos e desconhecidos, Brasília não recebeu ha-



bitantes selecionados e preparados para criar uma sociedade nova.

Vieram, antes de tudo e de mais nada, os aventureiros, os bravos, os ambiciosos, os medíocres — na expectativa de realçar na terra de ninguém, e uns raros visionários e idealistas, que acreditaram na idéia de criar-se uma experiência nova de convivência humana.

Do Núcleo Bandeirante, uma cidade de far-west, às superquadras, Brasília experimentou um nascimento anormal: não recebeu filhos, mas, enteados.

E seus habitantes não vinham dispostos, em sua boa maioria, a desencilhar-se de vícios e preconceitos. Pelo contrário, até mesmo em matéria de hábitos sanitários e de higiene, em comportamento comunitário e social, queriam que Brasília repetisse as suas cidades: Rio, São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre...

Apareceram uns tolos, sem a mais leve imaginação, a reclamar esquinas e botequins (queriam reviver o sambinha de Ze Ketí — "... em qualquer esquina eu paro, em qualquer botequim eu entro..."); as ruas estreitas ou as avenidas convencionais; praças e pracinhas e essas coisas todas das cidades que nascem e se desenvolvem espontaneamente. Onde ficaria, por exemplo, a zona do metrô?

Era uma gente infeliz para infelicitar uma cidade cheia de intenções puras e renovadoras, que pretendia ter nascido sem vícios, mas, que recebia, pior que os puritanos do "Mayflower", espécies de degredados, como os trazidos por Tomé de Souza...

Foi então que Brasília começou a viver sua prova mais difícil, ou seja, estabelecer a convivência entre um projeto urbanístico (finalmente, a engenharia a erguia em prédios, ruas, jardins, espaços) e seus contraditórios habitantes.

Sem contar os que, por uma legítima nostalgia, se ressentiam da falta de praia ou dos amigos de bairro das cidades de onde vieram. Ou que precisavam se habituar longe de uma convivência doméstica que haviam deixado longe.

E do choque à irritação, da inadaptação à neurose, do desespero à difamação, uma boa parte dos habitantes da cidade foram criando uma teoria monstruosa. Brasília era uma cidade impossível.

Os que, mais cedo ou mais tarde, conseguiam sair — e Brasília devia ter

uma população permanentemente renovável, pelo menos em 40 por cento dos seus habitantes a cada 4 ou 6 anos, como Washington — espalharam pelo País a má fama da cidade insuportável.

Visitantes eventuais — como o distraído e reconhecidamente instável Fernando Sabino — criou a imagem da cidade deserta: onde os habitantes viviam enclausurados, como monges trapistas. Clarice Lispector transferia para a cidade, seu drama íntimo e ciclópico por força da sua sensibilidade, e definiria Brasília como uma cidade infernal e inabitável. Carlos Lacerda, na sofreguidão das suas ambições políticas e na violência da sua paixão, desencarria uma manhã em Brasília para despedir-se do Congresso — acaba de ser eleito Governador da Guanabara — e a projetaria para seus fiéis seguidores com desvario administrativo e inadequação ecológica, numa crítica superficial e de circunstância... Senadores e deputados — favorecidos por generosas passagens de avião para ir e vir do Rio, num escândalo vergonhoso, que ainda hoje se repete para um País carente de austeridade nas despesas públicas — criaram seu folclore e, mesmo os mais sérios e que moraram em Brasília, como o ex-senador e ex-ministro Mem de Sá, praticaram frases, versinhos e piadinhas para condenar a possibilidade de uma vida feliz em Brasília.

O que não impediu, porém, que a cidade adoecesse de uma estranha inchaço: a cada dia, mais brasileiros, de todos os níveis (de um Melo Franco Nabuco, como Afrânio, advogado e hoje diretor da TV Globo em Brasília, mas que veio para cá por conta própria, ao mais humilde pau-de-arara nordestino) estão chegando. A cidade caminha para os 700 mil habitantes, acima de todas as previsões e da sua capacidade de completar-se, pelo menos nos mínimos requisitos propostos pelo Plano Lúcio Costa.

Será, portanto, que essa gente que ocorre a Brasília e aqui fica, e aqui encontra motivos para permanecer, é vítima de uma condenação implacável e irreversível? Que foi lançada a um inferno dantesco?

Não. Brasília não é uma cidade absurda, nem desumana. É apenas uma cidade-nova, a desafiar os espíritos — as pessoas sem espírito — convencionais, mesquinhas, sem imaginação ou vida interior.

É possível que seja silenciosa, tranquila, sem história, sem esquinas, botequins, sem praias, sem Leblon, Copacabana, Boa Viagem, Vale do Anhanbá, Senhor do Bonfim, Amaralina, Rua da Praia, Rua do Ouvidor ou outros símbolos das grandes cidades brasileiras.

Mas, quem foi que prometeu tais atrações em Brasília, a cidade ciclópica, que Malraux, o grande Malraux, profetizou (ele que conhece e viveu o mundo de transformações do Século XX, em todos os continentes) ser o fenômeno urbano mais fascinante da história contemporânea.

A conclusão pode ser penosa para muitos, mas, deve ser feita por justiça à invenção e ao arrojo de Brasília: não é a cidade que não presta, mas os que não entendem.

O ITEM 10 DO PLANO LUCIO COSTA

Assim, o profeta via a cidade divertir-se e animar-se culturalmente

Nesta plataforma, onde, como se viu (...) o tráfego é apenas local, situou-se então o Centro de Diversões da cidade (mistura, em termos adequados, de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysees). A face da plataforma, debruçada sobre o Setor Cultural e a Esplanada dos Ministérios, não foi edificada, com exceção de uma eventual casa de chá e da ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio Setor de Diversões, como pelo Setor Cultural contíguo em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e os teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme constituindo assim, no seu conjunto, um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés e "log-gias" na parte dos fundos, com vista

para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão. O pavimento térreo do setor central desse conjunto de teatros e cinemas manteve-se vazado em toda a sua extensão, salvo os núcleos de acesso aos pavimentos superiores, a fim de garantir continuidade à perspectiva, e os andares se previram envidraçados nas duas faces para que os restaurantes, clubes, casas de chá, etc., tenham vistas de um lado para a esplanada inferior e do outro para o aliche do parque no prolongamento do Eixo Monumental e onde ficaram localizados os hotéis comerciais e de turismo, e, mais acima, para a torre monumental das estações radioemissoras e de televisão, tratada como elemento plástico integrado na composição geral.

Na parte central da plataforma, porém, disposto lateralmente, acha-se o saguão da Estação Rodoviária, com bilheteria, bares, restaurantes etc. Construção baixa, ligada por escadas rolantes ao hall inferior de embarque, separado

por envidraçamento do cais propriamente dito.

O sistema de mão única obriga os ônibus, na saída, a uma volta, num ou noutro sentido, fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista do Eixo Monumental da cidade antes de entrar no eixo rodoviário-residencial (despedida psicologicamente desejável). Previram-se igualmente nesta extensa plataforma destinada principalmente, tal como no piso térreo, ao estacionamento de automóveis, duas amplas praças privativas de pedestres, uma fronteira ao Teatro da Ópera e outra, simetricamente disposta, em frente a um pavilhão de pouca altura debruçado sobre os jardins do Setor Cultural e destinada a restaurante, bar e casa de chá. Nestas praças, o piso das pistas de rolamento, sempre de sentido único, foi ligeiramente sobrelevado em larga extensão para o livre cruzamento dos pedestres num e noutro sentido, o que permitirá acesso franco e direto tanto aos setores do varejo comercial quanto ao setor dos bancos e escritórios.